

# A DESOBEDIÊNCIA DE LILITH: PROFANAÇÕES SUBVERSIVAS NA CRIAÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

*Lilith's disobedience: subversive  
prophecies in creating feminine  
characters of comic books*

Ivone Maria X. de Amorim Almeida\*  
Samantha Ranny Monteiro\*\*

## RESUMO

Este artigo, intitulado *A desobediência de Lilith: profanações subversivas na criação de personagens femininas de histórias em quadrinhos*, objetiva pensar estratégias de criação de personagens femininas de quadrinhos como contradispositivos que se lancem como um devir-feminino em profunda traição, armas persecutórias excêntricas de quadrinhos máquinas de guerra, em tempos de lua negra. A imagem-força disparadora das reflexões aqui contidas é a personagem Maria da HQ – *Papel Principal*, de Alice Ruiz, a base analítica para o suporte desobediente que Jacques Derrida aponta como experiência de enlouquecer o subjétil.

**Palavras-chave:** Personagem. Quadrinhos. Mulher. Subjétil.

\* Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010). Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará (1998). Professora adjunta na Universidade Federal do Pará (UFPA), lotada no Instituto de Ciências e Artes (ICA), vinculada à Escola de Teatro e Dança (ETDUFPA). Professora no Programa de Pós-Graduação em Artes em Rede Nacional (UFPA) e no Programa de Mestrado Acadêmico em Artes do PPGARTES-UFPA. Estabelece diálogos entre Artes e as Epistemologias do XIX, XX e XXI. Pesquisadora-colaboradora nos projetos Tambor e Auto do Círio (PPGARTES-ETDUFPA). *E-mail:* ivmaxavier@gmail.com

\*\* Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará e está concluindo Pós-Graduação *Lato Sensu* em Design, Computação Gráfica e Multimídia pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia, vinculado à Faculdade Estácio de Sá. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Design Gráfico Digital, Ilustração e História em Quadrinhos. *E-mail:* samantha.ranny@gmail.com

Revisão da ABNT e do texto: Ana Paula Amaral Craveiro

Submetido em: 13.9.2017

Aceito em: 6.4.2018

**ABSTRACT**

This intitled article the disobedience of Lilith: subversive profanations in the creation of feminine personages of histories in quadrinhos, objective to think strategies of creation of feminine personages of quadrinhos as contradevices that if they launch as a devir-feminine one in deep treason, eccentric persecutory weapons of quadrinhos machines of war, in black moon times. The abstinate image-force of the reflections contained here is the personage Maria of the HQ – Main Paper, of Alice Ruiz, the analytical base for the disobedient support that Jacques Derrida points as experience to drive crazy the subjétel.

**Keyword:** Personage. Quadrinhos. Woman. Subjétel.

“Vejamos, um subjétel pode  
portanto traír?”

(Derrida; Bergstein, 1998)

**U**ma personagem se agita em chamas bruxuleantes enquanto um escritor delinea sua construção. Um escritor cria uma personagem: Maria. Não importa o nome. Metáfora aglutinada de todas as corrupções do seu desejo. Marionete nua. Cara de anjo, gostosa, ignorante e deveras submissa. Fará o que ele bem desejar. Mas se pudesse, seria minha. Pluft! Eis atualizada a Maria. Bela, nua, de braços abertos. Seu desejo é uma ordem! Desenhos retorcidos entre os esboços de um traçado bruto. Traçado Esquizo, do grego *schízein* (*schízo*), fender, dividir. Esquizo que também é *schizzo*, momento do rascunho projetual, “projetial”, das ranhuras que imprimem sobre o papel os movimentos de construção por destruição de superfície. Escrevo a personagem e a inscrevo numa trama ficcional que se constrói em uma fissura catastrófica e criadora. Dalton escreve Maria e, por entre hachuras, Maria é inscrita em quadrinhos. Narrativa de seu traçado, de seu esboço, seu *schizzo*. Somos apresentados à Maria no *schizzo* das linhas de seu corpo, bem como nos constructos do diagrama que a afeta.

*Papel Principal* é uma História em Quadrinhos (HQ) erótica escrita por Alice Ruiz em 1979, quando trabalhava na Grafipar. O contato com os quadrinhistas que lá trabalhavam lhe surtiu o desejo de se aventurar na publicação de HQs eróticas dentro da editora.

Até que em uma viagem de trem, pela estrada da graciosa, a ideia veio. E veio como uma resposta ao Dalton Trevisan, autor de maior renome, até então, na terra das araucárias. Sua prosa retrata as patifarias cotidianas com uma naturalidade que beira a aceitação.

E sabemos todos que, em matéria de patifaria, as mulheres têm um papel muito infeliz. Assim criei meu primeiro roteiro de HQ, em que a personagem adquire vida e, revoltada com seu papel na estória (ou seria história?), mata seu tirano escritor/criador no final. (RUIZ, 2005, p. 11).

A HQ foi publicada em uma edição intitulada *Afrodite: quadrinhos eróticos*, pela Editora Veneta, em 2015, juntamente com outras histórias eróticas roteirizadas por Alice Ruiz e Paulo Leminski. Nela, conhecemos Dalton, escritor de romances eróticos, cuja inspiração para suas criações é extraída de elementos da realidade. A personagem Maria, entretanto, criada por Dalton para protagonizar vários de seus romances, é o único elemento de suas estórias cuja existência se dá unicamente para a realização dos desejos eróticos mais íntimos do autor. É através de estratégias de subversão que Maria experiencia a transgressão, se furtando à construção idealizada a que foi submetida, inverte os papéis e constrói seu discurso.

A personagem dispara na superfície. Surge em chama esboçada, empina-se à porrada e se atualiza de braços abertos em carne e nanquim, “intransitividade que se faz (*devient*) transitiva no ato do desenhar/escrever”. (CASANOVA, 1998, p. 166). Experienciamos, como leitores, o processo de criação condensado de Maria como uma entrada por perfuração “no corpo a corpo da letra e da imagem”. (p. 166). Balé e balões. Chamas-esboço de um corpo, palavras e designações de sua “personalidade”.

Se já somos violentamente atingidos de raspão pelo *jet* (lance) que instala os constructos de Maria na superfície da folha, vemos já, na primeira página, Maria ser inscrita (escrita/desenhada) e surgir para Dalton atualizada-virtualizada como a personagem-personagem. Uma personagem, que é uma personagem, que é uma personagem... Entre várias camadas de folheados, a personagem-subjétil força um lançamento. *Forcener le sujetile. Forcener, perdre La tête, qui est hors de soi.*<sup>1</sup> Fuga da propriedade de um tema. Destinado a selar o subjétil no suporte insuportável. É preciso forçar (*forcer*) o subjétil, enlouquecê-lo (*le forcener*). “Devemos fazê-lo desejar freneticamente o nascimento e enlouquecê-lo já na origem, fazendo-o sair de si mesmo e parir essa nova proximidade”. (DERRIDA; Bergstein, 1998, p. 42).

Maria surge diante de Dalton, lançando-se da superfície escrita para uma imagem na história em quadrinhos, dando o salto seguinte sobre a máquina de escrever como a escritora e encerrar Dalton nas páginas das histórias

<sup>1</sup> Em Português: Enlouquecer o subjétil, livro de Jacques Derrida e Lene Bergstein, publicado em 1998 (edição brasileira) para Ateliê Editorial. *Forcener* (versão francês) perder a cabeça, que está fora de si.

das quais ela surgiu. Do primeiro lance, quando salta dos escritos de Dalton, ela ainda precisa resistir a ser o que foi criada para ser. A submissa condição de suporte, representação insuportável da idealização dele. O subjétil resiste. Nesse processo, subverte os desejos de Dalton até o estreito cansaço. “O que aconteceu lá dentro está muito além de nossa imaginação”. (LEMINSKI; RUIZ, 2015, p. 34).

**Figura 1** – Página 1 da HQ *Papel Principal*, nanquim sobre papel, Afrodite: quadrinhos eróticos, de Alice Ruiz



Fonte: Leminski, Ruiz (2015, p. 33).

Trouxemos a personagem Maria, de Alice Ruiz, aqui, para marcar uma sarcástica progenitoriedade ao manifesto anárquico das personagens perseguidas. Não é histórica, certamente, mas é afetiva. Maria desvela a imagem sagrada e profana da ilustre progenitora. São tempos subversivos. Desfaz-se da costela (Eva) e se torna Lilith, demonesa ilustre, súcubo insolente, desobediente e profanador.

De acordo com Chevalier et al. (2000), Lilith seria a mulher criada ao mesmo tempo que Adão, antes de Eva ser criada. Lilith foi idealizada durante a noite, a partir do barro. Lilith se considerava igual a Adão, já que ambos vieram da terra. Lilith queria a liberdade de escolher, opinar, decidir. Queria ter os mesmos direitos que o homem. Adão e Lilith discutiram, e ela, rebelada, pronunciou encolerizada o nome de Deus, fez acusações a Adão e fugiu para a região do mar Vermelho, que, segundo a tradição hebraica, era habitada por demônios e espíritos malignos. Lilith se torna esposa de Samael, o senhor das forças do mal. Adão queixou-se a Deus sobre a fuga de Lilith que, para compensar sua tristeza, cria Eva a partir de sua costela. Nesse sentido, Eva é o modelo feminino imaginado pelo padrão judaico-cristão. A mulher submissa e direcionada ao lar. Enquanto Lilith é a força destrutiva, Eva é a construtiva. Lilith costumava seduzir os homens, as crianças, os inválidos e os recém-casados, aprisionando-os e lhes causando orgasmos extasiantes. Representa o ódio contra a família, ódio contra os casais e os filhos. É lançada ao fundo do oceano onde não para de se atormentar pelo desejo, pela perversão que a impede de participar da normalidade. Ainda de acordo com Chevalier et al. (2000), há outra narrativa na qual Lilith fora criada independente de Adão. Nessa tradição, Caim e Abel teriam brigado por Lilith que seria a primeira Eva. Na psicanálise, Lilith é comparada à lua negra, à sombra do inconsciente, do obscuro.

Pela objetiva do olhar de Maria, negro nanquim de bordas pungentes, pode-se perceber o disparo dos diversos projéteis subversivos em tempos de passividade feminina engasgada. Uma revolução molecular escrevendo enlouquecidamente suas mais esquizoanálises. Nem todo negrume é um declínio. A face oculta da lua subverte o brilho do astro prateado e se furta às idealizações cantadas e desenhadas por autores vastos. Não se canta à lua negra sem se entregar aos mistérios furtivos do nascimento, do sexo e da morte.

Existem também diversos tipos de morte, desde a morte dos estilos de vida obsoletos (às vezes dolorosa, mas iluminadora), que resulta em novos desafios e oportunidades, passando pela morte do sentimento de separação imposto pelo ego, resultando na libertação e na faculdade de comunhão, até a verdadeira morte física, que prepara o indivíduo para os ensinamentos esotéricos da vida após

a morte [...] e lhe permite reavaliar a encarnação que findou e se preparar para uma nova vida em um novo corpo. (BETH, 2008, p. 26).

Assim, o eclipse lunar é um momento fecundo de decadência do estriado e entrega ao deslizante espaço liso das subversividades nômades das máquinas de guerra. Nos mais vastos escuros, não se pode senão deslizar, ou se encolher por medo do desconhecido.

**Figura 2** – Fragmento da página 3 da HQ *Papel Principal*, nanquim sobre papel, Afrodite: quadrinhos eróticos, de Alice Ruiz



Fonte: Leminski, Ruiz (2015, p. 35).

Uma personagem pode ser um subjétil. Uma construção tanto discursiva quanto imagética, tanto de inscrição (escrita/desenho) quanto de entonação (*leitmotiv*). Inscrita em uma superfície, suporte, ecrã, pode jazer nele estéril e inerte, mas, se enlouquecida, pode trair, pode forçar e se lançar. O enlouquecimento aqui utilizado se refere menos a uma histeria desenfreada do que a uma revolta da desrazão contra o peso de um modelo. Como um pictograma no qual a cor/desenho e a escritura não toleram parede divisória, mas, sobretudo, buscam suspender o valor representativo. Essa força aplicada, Jacques Derrida aponta como uma experiência de enlouquecer o subjétil. Termo que subverto para uma estratégia de criação de personagens que se furtam aos modelos teorematizados e procuro pensar uma personagem como um devir em profunda traição, armas persecutórias excêntricas de quadrinhos, máquinas de guerra. Pressionar o suporte, o desenho e os constructos da personagem, forçando-a a disparar para fora de qualquer internalização que possa institucionalizá-la, modelizá-la e

regrá-la. “Já não se trata exatamente de extrair constantes a partir de variáveis, porém de colocar as próprias variáveis em estado de variação contínua”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 38).

Nas zonas desterritorializadas dos circuitos independentes nômades, as histórias em quadrinhos de autoria feminina, como linguagem artística de transgressão, bem como a construção de personagens femininas que buscam fugir dos decalques exaustivos e idealizados, têm se mostrado como poderosas máquinas de guerra na busca por um devir-feminino, cujo discurso não logocêntrico se articula em formas de criação totalmente originais.

Em outras palavras, a ideia de “devir” está ligada à possibilidade ou não de um processo se singularizar. Singularidades femininas, poéticas, homossexuais ou negras podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes. Esta é a mola-mestra da problemática das minorias: uma problemática da multiplicidade e da pluralidade. (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 86).

Subjéteis, que atuam como fortes contradispositivos, lançam linhas de fuga nas diversas esferas onde as mulheres carecem de profanação dos dispositivos que atuam na produção da mística feminina. Os dispositivos de profanação (contradispositivos), a partir de diferentes estratégias, como o lúdico, são como linhas de fuga de um rizoma. Não comportam um retorno à natureza, mas se lançam rumo a uma desterritorialização. Tais linhas de fuga são as que os dispositivos procuram, a todo momento, vedar ou se apropriar, o que nos entrega uma imagem de resistência que opera por saltos, forças e desejos de um sujeito que não se admite sujeitar-se, mas que salta, enlouquece, resiste e subverte qualquer norma. As desterritorializações estão profundamente ligadas às profanações, lua negra que abre para todos os sortilégios e metamorfoses possíveis. Uma profunda e insistente desobediência feminina, que o olhar negro de Maria e o devir-súcubo de Lilith guiam os rompimentos a todo vapor. “Será um erro acreditar que o pintor trabalha sobre uma superfície branca e virgem. A superfície já está toda investida virtualmente por todo tipo de clichês com os quais é necessário romper”. (DELEUZE, 2007, p. 6).

**Figura 3** – Fragmento da página 3 da HQ *Papel Principal*, nanquim sobre papel, Afrodite: quadrinhos eróticos, de Alice Ruiz



Fonte: Leminski, Ruiz (2015, p. 35).

Algumas personagens de quadrinhos eróticos assumem-se justamente como personagens-subjéteis profanadoras da idealização e modelização da condição feminina em relação ao sexo, ao prazer, ao político, ao estético e ao intelectual. Com humor, drama, cores, delírios e anarquias, brincam escandalosamente enquanto subvertem os modelos femininos sacralizados. “Profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas fazer delas um uso novo, brincar com elas”. (AGAMBEN, 2007, p. 75).

O contradispositivo *Garota Siririca* (de e&e6), os contradispositivos *Magra de Ruim* (de Sirlanney Nogueira), e *Melindrosa* (de Aline Lemos) nos apresentam uma série de personagens-subjéteis com impulsos desterritorializantes, máquinas de disparar personagens em puro devir-revolucionário. Essas locubrações artísticas, bem como projéteis de pensamentos teóricos dos movimentos feministas, preparam um espaço não menos hostil, mas propício a uma profanação subversiva nos dispositivos de sexualidade que, principalmente, produzem efeitos na sujeição da mulher. Como se o eclipse da lua negra, desenhada nos olhos de Maria, ecoasse o *leitmotiv* molecular de um devir-mulher que deseja

falar. Sob os ventos e o negrume da desobediência factual de uma Lilith não rendida, faz-se urgente perguntar-se: “O que é desenhar?”, ou melhor “O que é desenhar uma personagem?”

O que é desenhar? Como se chega a isso? É a ação de abrir para si uma passagem através de uma parede de ferro invisível, que parece estar entre o que se sente e o que se pode. Como se pode atravessar essa parede, porque de nada adianta bater forte nela, deve-se minar essa parede e atravessá-la com a lima, a meu ver lentamente e com paciência. (ARTAUD Apud DERRIDA; BERGSTEIN, 1998, p. 51).

Com forçar, enlouquecer, minar a barreira, pensamos em criar a personagem como diversos projéteis que se lançam intensamente sobre a superfície, construir sua entonação (motivo musical dos saltos) como uma máquina discursivo-subversiva, enquanto as forças que a atravessam se inscrevem em seu corpo. Uma personagem-subjétil-louca é uma grande arma transgressora. Nas histórias em quadrinhos, ela pode lançar-se para além de uma narrativa quadro a quadro, suas falas podem enunciar petulâncias, disparando sobre a leitora projéteis e traições. “Se uma vez ‘isso que se chama o subjétil me traiu’, é porque ele sempre pode trair a verdade, seja revelando-a, seja dissimulando-a”. (DERRIDA; BERGSTEIN, 1998, p. 78).

O movimento que rascunha Maria é de um traçado (escrita/desenho) musical, como a intensidade do trovão, vibração que é ritmo e tensão polifônica extrema, o *leitmotiv*<sup>2</sup> do personagem-subjétil (expressão sinestésica), com o adendo de Derrida para o processo: O leitmotiv não é o tema da personagem, mas o motivo. Não é posto (ou suposto) sobre ela, mas a leva, a impulsiona ao lançamento. Arranca a personagem da estagnação.

Subverter seus traçados modelares, subverter suas falas, seus atos, seus trejeitos, suas cores, seus corpos e seus discursos. Construí-la a partir de uma vibração singular. Ser o diapasão a desenhar as vibrações, os movimentos, os devires. Não se contentar em fixá-la na ficção de que ela faz parte, ou concebê-la apoiada por proposições modelizadas, como uma cópia boa, mas fazê-la desobedecer até saltar bruscamente à superfície. “O mais profundo é a pele”. (DELEUZE, 2007, p. 106). Dá-lhe o movimento

<sup>2</sup> *Leitmotiv*: (mús) tema melódico ou harmônico destinado a caracterizar um personagem, uma situação, um estado de espírito e que, na forma original ou por meio de transformações dessa, acompanha seus múltiplos reaparecimentos ao longo de uma obra. Utilizado bastante por Richard Wagner em suas óperas como em o “Holandês Voador” (Der fliegende Holländer).

e o devir furtivo de um acontecimento. Provocar-lhe uma entonação que continue em movimento ao longo de todo o seu trajeto, projetando mísseis em cada traçado, nos atingindo em cada leitura. Tornar a personagem um contradispositivo de profanação, de subversão que transgride a norma em seu traçado, em seu discurso. De modo que ela, entrelaçada (não sedimentada) à estória, torne a leitura uma experiência de atravessamentos de afetos e pensamentos.

Retomamos em salto brusco o questionamento lançado no início do texto: “Um subjétil pode, portanto, trair?” E me engajo em uma possibilidade de traição do subjétil. Traição subversiva enunciada por um *leitmotiv* profanador. Uma personagem-subjétil pode, sim, trair.

Trair sua pretensa obviedade, sua intelectualidade pífia, sua objetificação sexual, sua submissão de suporte, sua canção fúnebre. Personagens-subjéteis, profanadores por força aplicada, traem todos os propósitos reguladores, desobedecem às condutas estratificadas. A traição do subjétil, uma vez atingido, dispara no sentido de subverter o corpo, os desejos, os dispositivos que disciplinam, normatizam e tornam o subjétil um pensamento que não faz mal a ninguém. “Que é um pensamento que não faz mal a ninguém, nem àquele que pensa, nem aos outros?” (DELEUZE, 2006, p. 198).

Construir personagens-subjéteis é um procedimento anárquico e, contudo, poético. Constituir nossas personagens de subversões. Ouvir os seus *leitmotivs*, seus delírios anárquicos, suas profanações malditas, deslizar pelo espaço liso, se entregar à metamorfose constante da lua negra, respirar fundo, operar a fórceps e produzir.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BETH, Rae. *A luz da deusa*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2008.
- CASANOVA, Vera. Um Encontro. In: EYBEN, Pedro; RODRIGUES, Fabrícia Wallace (Org.). *Derrida: escritura & diferença no limite ético-estético*. Vinhedo: Horizonte, 2008.
- CASANOVA, Vera. Um Encontro. In: EYBEN, Pedro; RODRIGUES, Fabrícia Wallace (Org.). *Derrida: escritura & diferença no limite ético-estético*. Vinhedo: Horizonte, 2008.

CHEVALIER, Jean et al. *Dicionário de símbolos*. 15. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *Lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. São Paulo: Ed. 34, 2012. v. 5.

DERRIDA, Jacques; BERGSTEIN, Lena. *Enlouquecer o subjétil*. São Paulo: Edusp, 1998.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

LEMINSKI, Paulo; RUIZ, Alice. *Afrodite: quadrinhos eróticos*. São Paulo: Veneta, 2015.